Cooperativismo e mudanças climáticas: percepções das cooperativas no Território Zona Sul do Rio Grande do Sul

Cooperativism and climate change: perceptions of cooperatives in the Southern Zone Territory of Rio Grande do Sul

Davi Soares Maicá
Universidade Federal do Rio Grande (FURG). São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul (RS), Brasil
Letícia Andrea Chechi
Universidade Federal do Rio Grande (FURG). São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul (RS), Brasil

GT06. Cooperativismo, associativismo e demais ações coletivas no meio rural (SOBER)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compreender a percepção de cooperativas do Território Zona Sul/RS sobre mudanças climáticas. A pesquisa qualitativa, descritivo-explicativa, envolveu entrevistas semiestruturadas com 14 cooperativas. Os resultados mostram que todas percebem impactos diretos, sobretudo após as estiagens (2020–2023) e a enchente de 2024, com efeitos produtivos, financeiros e comerciais. As ações adotadas foram pontuais e emergenciais, sem planejamento climático estruturado. Conclui-se que o cooperativismo, ao promover a cooperação e a organização coletiva, potencializa a resiliência local, mas demanda sua incorporação a um planejamento estratégico estruturado para o enfrentamento dos riscos climáticos.
Palavras-chave: organizações coletivas; território; clima; gerenciamento climático.

Abstract: This study aims to understand the perception of cooperatives in the Southern Zone Territory of Rio Grande do Sul (RS) regarding climate change. The qualitative, descriptive-explanatory research involved semi-structured interviews with 14 cooperatives. The results show that all of them perceive direct impacts, especially after the droughts (2020–2023) and the 2024 flood, affecting productive, financial, and commercial activities. The actions taken were punctual and emergency-based, without a structured climate plan. It is concluded that cooperativism, by promoting cooperation and collective organization, enhances local resilience but requires incorporation into a structured strategic planning process to address climate risks
Keywords: collective organizations, territory, climate, climate management.

1. Introdução

Este trabalho se debruça sobre a percepção acerca das mudanças climáticas das cooperativas no Território Zona Sul do Rio Grande do Sul. Além de traçar um perfil preliminar dessas organizações e seus membros. O trabalho é desenvolvido pelo Programa: "Cooperativismo, Universidade e Sociedade: construindo conexões, conhecimentos e oportunidades", do curso tecnólogo em Gestão de Cooperativas da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no campus São Lourenço do Sul, desde 2024.

O Programa inicia meses após as grandes enchentes que atingiram o estado e ganharam destaque nacional, com os objetivos de promover o ensino, pesquisa e extensão de forma indissociável através da ação da universidade com a comunidade. Entender o contexto regional do cooperativismo e suas características, assim como identificar o mercado de trabalho do profissional gestor de cooperativas e possibilitar a construção de parcerias interinstitucionais que promovam a união dos saberes locais e acadêmicos voltados ao cooperativismo.

2. Revisão da Literatura

No ano de 2024 o planeta registrou, pela primeira vez, temperaturas médias globais superiores a 1,5 °C em relação aos níveis pré-industriais, marco que reforça o agravamento da

crise climática em escala mundial (WMO, 2025). De acordo com o IPCC (2023), a intensificação do aquecimento global tem aproximado a humanidade de limites críticos do sistema climático, evidenciados pelo aumento na frequência e na severidade de eventos climáticos extremos.

Dada esta realidade, é necessário o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento às mudanças climáticas. Nessa perspectiva, as cooperativas se colocam como atores importantes. Configurando-se como uma forma de organização socioeconômica fundamentada na cooperação voluntária de indivíduos para a consecução de objetivos comuns (Cattani, 2003), as cooperativas promovem a articulação entre atores sociais e econômicos locais, contribuindo para a construção de arranjos institucionais mais democráticos, fortalecendo o tecido social, valorizando saberes e recursos endógenos e ampliando a capacidade das comunidades de enfrentar instabilidades.

3. Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritivo-explicativa, tendo como área de estudo o Território Zona Sul do Rio Grande do Sul, composto por 25 municípios. A etapa inicial, de novembro de 2024 a maio de 2025, consistiu na identificação de organizações em bases públicas, utilizando CNPJ, nome fantasia e razão social, complementada pela busca junto a entidades relacionadas ao cooperativismo, como prefeituras, instituições de assistência técnica (como a Emater-RS/Ascar), sindicatos e outras organizações locais.

A segunda etapa, a partir de maio de 2025, consistiu na realização de entrevistas nas cooperativas, através de um roteiro semiestruturado, levantando informações sobre as cooperativas e suas ações frente às mudanças climáticas. Até o momento 14 cooperativas foram visitadas e entrevistadas.

4. Resultados

O Território Zona Sul do Rio Grande do Sul abrange 25 municípios no extremo sul do Brasil, com quase 900 mil habitantes (IBGE). A região é marcada pela agricultura familiar e diversidade étnico-cultural, com 72 cooperativas em atuação, contemplando todos os ramos do cooperativismo (Maica *et al*., 2025).

Neste estudo, das 14 cooperativas pesquisadas, sete são de crédito, seis agropecuárias e uma de trabalho, produção de bens e serviços. As fundações variam de 1985 a 2022, e o número de cooperados de 13 a 9.200. A faixa etária predominante é de 36 a 50 anos, em 10 das 14 cooperativas visitadas, e o nível educacional predominante é o ensino fundamental incompleto em sete casos.

Todas as cooperativas percebem o impacto das mudanças climáticas nas suas operações produtivas e/ou comerciais. Os impactos são distintos para as cooperativas de crédito, agropecuárias e de trabalho. No caso das cooperativas agropecuárias, destaca-se a redução da produção e da qualidade dos produtos, o que compromete a capacidade de entrega e afeta toda a cadeia produtiva. Como consequência, há efeitos econômicos significativos, como aumento da inadimplência, maior demanda por crédito e necessidade de renegociação de dívidas, afetando as cooperativas de crédito. De maneira geral, são relatadas dificuldades que refletem negativamente no comércio local e na geração de empregos.

Eventos climáticos extremos dos últimos anos foram citados pelos respondentes, se destacando a estiagem, de 2020 a 2023, e enchente no ano de 2024. Diante destes cenários, principalmente da enchente histórica de 2024, as cooperativas adotaram um conjunto de ações voltadas como a prorrogação de dívidas, a organização de campanhas de doação, a captação de recursos por meio de editais e projetos, além da divulgação de linhas de crédito, seguros e orientações técnicas aos cooperados. No caso das cooperativas agropecuárias, foram citadas iniciativas estruturais, como a construção de açudes, projetos de irrigação e aquisição de kits de irrigação, buscando fortalecer a resiliência produtiva.

A percepção dos respondentes quanto à gravidade das mudanças climáticas para os negócios da cooperativa é predominantemente moderada a muito alta. Entre as 14 respostas, cinco respondentes classificaram a gravidade como moderada e outros cinco como alta, enquanto três a consideraram muito alta. Apenas uma cooperativa avaliou como baixa (2) e não houve registros para a opção muito baixa. Esses resultados evidenciam que, para a ampla maioria, as mudanças climáticas já são percebidas como um fator relevante e preocupante para a atividade da cooperativa, reforçando a associação entre os eventos recentes vivenciados e a percepção de risco climático no contexto local.

Em relação à probabilidade de que as mudanças climáticas afetem a situação financeira da cooperativa, metade das respostas classificou essa possibilidade como muito alta (7), enquanto dois a consideraram, três como moderada e dois como baixa. Sobre o aspecto produtivo, quando perguntado qual a possibilidade das mudanças climáticas afetarem o modo de produção dos cooperados, metade dos respondentes acreditam que é muito alta (7), quatro consideram essa possibilidade alta, uma como moderada, um como baixa e um como muito baixa.

Apesar do reconhecimento da gravidade das mudanças climáticas e seus impactos, as cooperativas não possuem um planejamento estruturado voltado ao enfrentamento das

mudanças climáticas. A maioria dos respondentes afirmou a inexistência de ações planejadas nesse sentido, mencionando apenas iniciativas pontuais, como a intermediação de projetos e editais, a formação de um Comitê de Sustentabilidade, a contratação de seguros para as operações e a captação de recursos para sistemas de irrigação junto aos produtores. Esses elementos sugerem que, embora existam medidas isoladas relacionadas à adaptação, ainda não há uma estratégia integrada e formalizada direcionada à gestão dos riscos climáticos.

Por outro lado, todos reconhecem a importância do cooperativismo no enfrentamento às mudanças climáticas ao favorecer a organização coletiva, a solidariedade e a troca de experiências entre os produtores. Destacam-se a promoção da conscientização ambiental, o incentivo a práticas produtivas mais sustentáveis, o respeito às legislações, a proteção por meio de seguros e o apoio mútuo em momentos de adversidade. De modo geral, os participantes reconhecem que a própria essência cooperativista — baseada na cooperação, no trabalho em grupo e na articulação comunitária — constitui um importante mecanismo de adaptação e fortalecimento da resiliência frente aos impactos climáticos.

5. Considerações finais

Este trabalho evidencia que as cooperativas do Território Zona Sul do Rio Grande do Sul percebem as mudanças climáticas como um fator concreto de risco para suas atividades. Embora tenham adotado respostas emergenciais e iniciativas pontuais de adaptação, como apoio aos cooperados, captação de recursos, incentivo à irrigação e uso de seguros, observa-se a ausência de um planejamento estruturado voltado à gestão dos riscos climáticos. Por outro lado, destaca-se o reconhecimento unânime de que a própria essência do constitui um importante mecanismo de fortalecimento da resiliência local. Nesse sentido, o estudo reforça a necessidade de avançar na articulação entre cooperativismo e planos de gerenciamento climático, indicando o potencial dessas organizações como atores relevantes na construção de respostas territoriais às mudanças do clima.

Referências

CATTANI, A. D. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Sixth Assessment Report (AR6):** Synthesis Report. 2023.

MAICA, Davi et al.. COOPERATIVISMO, UNIVERSIDADE E SOCIEDADE: UM MAPEAMENTO DAS COOPERATIVAS DO TERRITÓRIO ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL. In: Anais do 8º Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo. **Anais**...Brasília (DF) Kubitschek Plaza, 2025. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/8-EBPC/1184395-COOPERATIVISMO-UNIVERSIDADE-E-SOCIEDADE--UM-MAPEAMENTO-DAS-COOPERATIVAS-DO-TERRITORIO-ZONA-SUL-DO-RIO-GRANDE-DO. Acesso em: 06/04/2026

WORLD METEOROLOGICAL ORGANIZATION (WMO). **State of the Global Climate** *2024*. Geneva: WMO, 2025.